

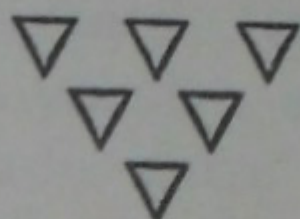
# REVISTA NACIONAL

NOSSA TERRA

NOSSA GENTE

NOSSA LINGUA

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO - CIÊNCIAS E ARTES



8

MAIO DE 1922

ANNO I - N. 8



PUBLICAÇÃO MENSAL

COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO  
S. PAULO, Caixa 436      RIO DE JANEIRO, Caixa 1617

# REVISTA NACIONAL

ANNO I

REDACÇÃO:

Rua Libero Badaró, 90 — SÃO PAULO

Nº 8

## QUADROS DE OUTR'ORA

Como o tempo mata!

Ainda ha pouco São Paulo era outro. Existiam ahi por esses recantos alegres *republicas* de estudantes, sonoras de algazarras festivas dos rapazes folgazões. As ruas ainda tinham aquelle encanto adoravel das cidades nascentes, de muita calma, de uma intimidade captivante. Casas compridas de beirae alongados, de numerosas janellas, semelhando pesados vagões que se tivessem encahado entre as pedras desconjuntadas das ruas tortuosas. E as janellas de rotulas verde-escuras, que se abriam aqui e acolá furtivamente; raramente rostos feminis appareciam; as moreninhas de olhos fascinantes ficavam retrahidas no silencio dos casarões vetustos, á espera do noivo, sonhando doces sonhos e alimentando suaves esperanças. Á noite serenatas dolentes de jovens apaixonados acordavam-nas. Quantos corações a arfar no recesso morno das alcovas claro-escuras das *sinházinhas* timidas do velho tempo que lá vae. Oh! como São Paulo era outro. Que familiaridade, que sinceridade de sentimentos! Tudo se foi; tudo o tempo levou.

Veu depois a Republica. Desfizeram-se velhos preconceitos, desprezou-se a solennidade dos grandes titulos e outra vida surgiu, dentre os restos serenos da majestade morta. Ainda velhos sinos, tangendo a enxadas, espalharam nos ares suas vozes tristonhas, á entrada do novo tempo e a onda vertiginosa do progresso, cahiu de chofre no valle silencioso da capital paulista.

O industrialismo roubou-lhe toda a poesia. Ergueu os altos sobrados de construcções pesadas, invadiu todos os bairros e baniu a classica bonhomia dos estudantes de outr'ora. Ainda permanece, testemunho fiel de outras eras mais calmas, a veneranda Faculdade da cidade historica.

## O INTUICIONISMO BERGSONIANO

(CONTINUAÇÃO)

A intuição alcança o conceito, o individual e não a idéa geral crystallizada em palavras; mas se essa idéa geral é movimento, porque accusal-a de estatismo?... Porque não nos dará ella a realidade?... Entre o conceito e a idéa geral vae uma differença de natureza. Assim, o conceito de movimento fornece-nos uma realidade fugitiva; a imagem do movimento (que prepara a idéa), pela imaginação reproductora, é geometrica com effeito; mas imaginar o movimento não é pensal-o. E o intellectualista Aristoteles, no 3.º liv. de *Physica*, sustenta contra Zeno e contra Bergson, a realidade do movimento como *acto indiviso*, divisível apenas em potencia.

É difficil estudar os ataques dirigidos por Bergson contra a intelligencia, como faculdade especulativa, porque esse vocabulo abrange tambem a imaginação. Prova-n'o o famoso recuso do *homem das cavernas*, pretendendo demonstrar que o *homo sapiens* é o *homo faber*, porque os utensilios encontrados nas cavernas do homem prehistorico permitem-nos concluir que a intelligencia primitiva era a capacidade de fabricar instrumentos de trabalho.

Mas bem avisado, o intellectualismo thomista sabe discernir a faculdade imaginativa da que reflecte, raciocina e comprehende; para elle só ha intelligencia onde se manifesta o nexo da causalidade; e paira portanto n'uma esphera superior aos golpes da philosophia nova.

Aliás, em boa logica, a conclusão do argumento *homo faber* seria que a fabricação é uma propriedade a essencia do intellecto. Mesmo porém que o fosse, porque não teria a intelligencia evoluído?...

Mas ha no bergsonismo difficuldades porventura ainda mais enredadas: como pode a liberdade transformar-se na materia inerte? Com que direito suppôr que o *élan vital* é anterior á materia? E que era a vida, antes da materia?... O *devenir*, como base e fundamento do real emmaranha-nos o entendimento nas mais extranhas contradicções. Bergson irrita-se contra a causalidade que, diz, nos leva ao absurdo de *suppor o effeito existente antes de existir* e é a negação do *substratum* da realidade universal; e achamo-nos

assim envolvidos nas malhas d'esta alternativa: ou a intuição ou o estatismo intellectual, absoluto. Mas, perguntamos, a causalidade será deveras destructora do *devenir*, do universal dynamismo?

A analyse attenta da noção de causalidade haveria de mostrar-nos que esta não é uma identidade morta, estatica; que a identidade da causa e do effeito é simplesmente generica ou, pelo menos, especifica e de nenhum modo individual ou numerica; que a existencia causal, sendo virtual, é dinamica. E se Bergson retorquisse que, sendo o objecto da intelligencia o ser existente, ella não poderá apprehender o movimento, o individual, senão geometrisando-o e portanto deformando-o, responderiamos nós que a intelligencia que deforma não é a intelligencia do peripatetismo thomista. Proclamando que *omne individuum ineffabile*, o thomismo moderadamente intellectualista não deforma o real, como bem o deixa ver a solução classica do problema dos universaes. É absurdo suppor que a concepção do tempo é intemporal, e a do particular universal.

O intellectualismo moderado é a philosophia exacta da vida, no seu fluxo e refluxo sem repouso; elle considera o *devenir* como tal e não como um estatismo que seria a viva imagem da immobilidade da morte. Melhor que Bergson, Kant percebeu a verdadeira caracteristica da intelligencia: garantir a universalidade e a necessidade aos dados intuitivos. Só ella dá ao instavel empirico a sua estabilidade; só ella affirma que a mudança é universal, necessaria, e eternamente particular, contingente e temporal. E, verdadeiro intellectualismo, esta concepção está ao abrigo das criticas bergsonianas.

•••

E ahi tem o leitor um resumo ao mesmo tempo da theoria intuicionista de Bergson e do livro do doutor F. L. Penido. É esse livro o resultado da leitura attenta e intelligentemente reflectida de todas as obras do famoso e contemporaneo philosopho francez; uma yasta e solida bibliographia encarece-lhe ainda mais o indiscutivel valor.

Após haver percorrido, em companhia do talentoso laureado de Friburgo, os meandros em que se perde a subtil e ardua dialectica bergsoniana, experimenta a gente a sensação (prazer ou desencanto?) de haver contemplado um immenso e transparente rendilhado, mimoso na sua tecitura, bizarramente variegado no seu matiz, e com o qual mãos expertas e adestradas pretendessem enredar a deidade mysteriosa da vida! Mas esta coou-se-lhe pelos intersticios, filtrou-se-lhe pelos mais imperceptiveis orificios e lá foi expandir-se nas infinitas palpitações, que alentam a immensidade interminada do universo.

E o espectador melancólico dos systemas e das idéas que se succedem, e que passam e desaparecem, no scenario da historia intellectual, extasiou-se diante das malhas finissimas e bem urdidas d'aquelle estupendo rendilhado; ficou-se, porém, a segredar consigo que a morte é sempre a morte, ainda quando se vislumbrem, através do corpo que ella immobilisou, algumas derradeiras chispas da intelligencia que d'elle fizera o seu sacrario.

Para surprehender a vida nos seus arcanos mysteriosos e nas suas ainda mais mysteriosas transmutações, só ha um meio: viver-a, sentir-lhe o pulsar ineffavel. E é essa a operação da sensibilidade que vibra, da intelligencia que vê, da vontade que manda, da pessoa humana enfim, *substantia individua rationalis naturae*, parcella animada do amplo coração do mundo!

E tanto vale dizer que, philosophia perenne será tão somente aquella que fôr uma vida, que souber enxertar, no fluxo continuo das existencias, os dados immediatos da sensibilidade, as afirmações categoricas da intelligencia, as leis imperativas da vontade autonoma. O sêr é o seu ponto de partida e o definitivo termo das suas ardentes investigações; e entre esse alpha e esse omega, que sem se confundirem se entrelaçam em mystico consorcio, vêm inserir-se — «segundo a razão e a ordem concertavão» — todas as entidades que realisam o plano e compõem o templo da indefectivel Sapiencia.

E não ha, n'essa *quasi perennis philosophia* — que tal é o thomismo — não ha n'ella logar nem para as aberrações de uma intelligencia instinctiva, nem para as logomachias de uma liberdade ficticia, nem para os delirios com que o orgulho encapellado e desvolto bradou o *non serviam* da evolução creadora!

Incisivas antitheses, o thomismo peripatetico e o bergsonismo não são mais do que um episodio isolado d'esse drama gigantesco que têm os seculos como magestoso theatro: o drama eterno da verdade e do erro, da humildade forte e das arrogancias com pés de barro, da tranquillidade da paz e das revoltas da indisciplina, n'uma palavra, da infinidade de Deus e das mesquinhezas da creatura!

D'ahi a lei que regula os destinos dos systemas: emquanto as verdades do thomismo são como dogmas — se em philosophia racional é licito falar em dogmas — a affrontarem impavidas a inexoravel e corrosiva patina do tempo, pois trazem o cunho da eternidade, que é sempre a mesma — os systemas philosophicos esterilizados no erro fanam-se e seccam ás primeiras lufadas do vento arido, porque lhes falta a seiva que circula e nutre; podem ainda apresentar, a olhos inexperientes, as apparencias da vida, como tambem, de longe, parecem vivos os troncos erectos, embora calcinados pelo fogo;

mas um dia, estendidos por terra, reduziu-os a cinzas o fulmen do ceu!

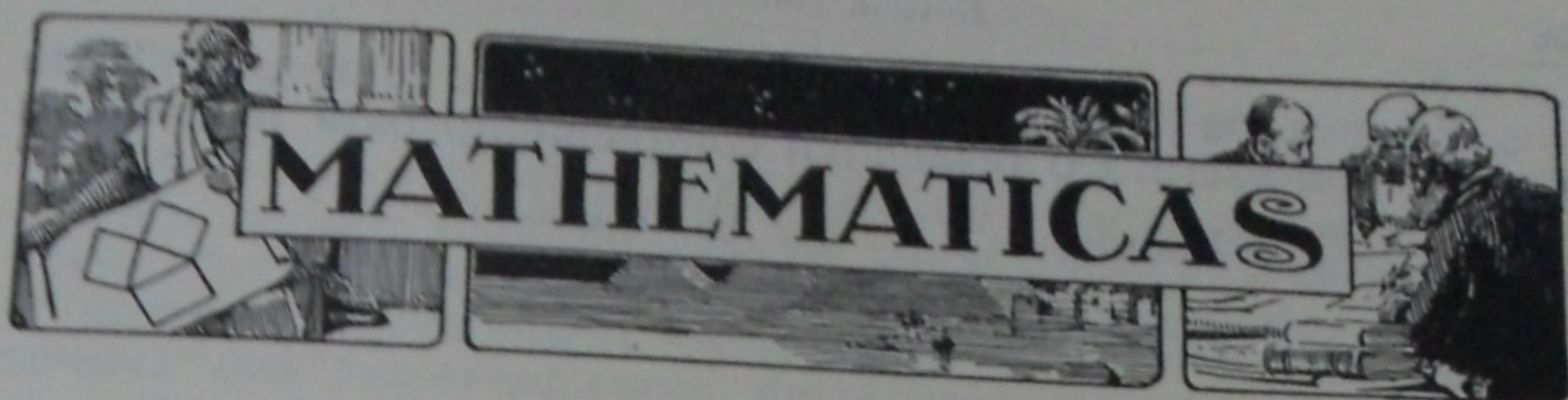
Não que deixe de haver no bergsonismo parcellas de impereciveis verdades; n'um certo sentido, elle é uma philosophia do absoluto, e uma prova frisante «*que décidemment l'agnosticisme et le positivisme ont fait leur temps*», como muito bem nota o doutor Penido; e essa é uma homenagem que gostosamente a verdade recebe do erro. Mas o que eu quero dizer é que hoje, ainda mais do que antes da guerra, a nebulosa philosophia de Bergson, no que tem de caduco e de perecivel, entrou definitivamente na penumbra. Remanescem d'ella algumas verdades que, justamente, são verdadeiras porque não são *bergsonistas*; como taes, ellas integram-se no espiritualismo tradicional que desponta esplendoroso e, afinal de contas, não é mais do que o eterno scintillar, porventura com fulgor mais intenso, da superna verdade, que foi hontem, é hoje, será amanhã e sempre, e tanto illumina as intelligencias rectas, como aquece e norteia as vontades, tibias, mas atrahidas pelo ideal...

Taes são as reflexões que me suggeriu o bello livro do doutor Maurillo Penido; apesar, entretanto, da optima impressão que me deixou a leitura da these doutoral do joven philosopho brasileiro, eu devo aqui confessar que gostaria de vêr os erros do intuicionismo bergsoniano refutados com maior vigor, e não subscreveria de bom grado ao que se lê á pg. 219: «*il est plus apparent que profond le fossé de séparation entre l'intellectualisme vrai et les anti-intellectualistes...*». Discutir esse ponto de vista levar-nos-ia demasiado longe e eu prefiro finalisar. Mas, a suppor que o seja, que é tão leve defeito n'uma obra em que fulgem tantos primores?...

ALEXANDRE CORREA

Doutor em philosophia pela Universidade de Louvain (Belgica).





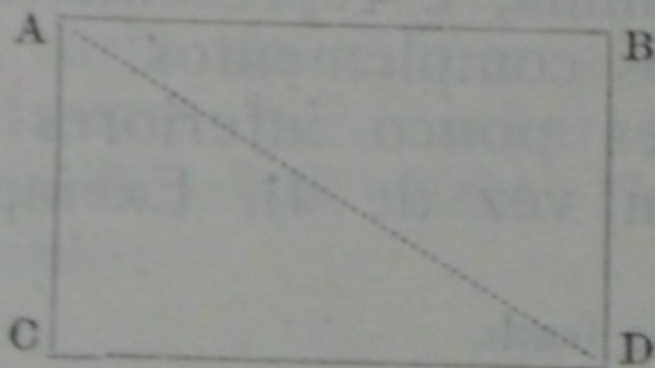
# CURIOSIDADES MATHEMATICAS

## Terceira Carta

«Meu caro B.

Levou tempo sua resposta que aliás não é resposta e sim uma pergunta. Mas não perca a paciencia; aqui lhe mando a solução do problema da casa.

A questão do terreno ficou liquidada de forma amigavel, traçando eu a diagonal no meu terreno, ficando minha senhora com a metade para o quintal, e eu com a outra para a casa. V. veja a figura.



O terreno ACD tem AC como frente e CD como profundidade e o terreno DBA tem a mesma frente e a mesma profundidade.

Mas, vamos ao assumpto de um caso especial de multiplicação.

Para multiplicar  $93 \times 96$  você costuma fazer o seguinte calculo:

$$\begin{array}{r} 93 \times 96 \\ \hline 558 \\ 8370 \\ \hline 8928 \end{array}$$

Os elementos de raciocinio são os seguintes:

$$6 \times 3; 6 \times 9; 54 + 1; 9 \times 3; 9 \times 9; 81 + 2; 0 + 8; 7 + 5; \\ 1 + 3 + 5,$$

i. é, 4 multiplicações e 5 addições.

Veja agora um processo rapido para reduzir esses elementos a um minimo no caso de serem os factores pouco inferiores a 100, como no exemplo acima:  $93 \times 96$

Escreva os dois factores, um abaixo do outro, á direita de cada um escreva o respectivo complemento para 100, assim:

Factores:	Complementos:
93	7
+	×
96	4

Somme os factores, supprimindo a centena, e escreva o resultado abaixo de 96. Multiplique os complementos, um pelo outro, pondo o producto abaixo delles. Os dois resultados juxtapostos representam o numero procurado.

93	7	outro exemplo:	98	2
+	×		+	×
96	4		99	1
89	28		97	02

Aqui o producto dos complementos não tem dezenas, sendo por isso a respectiva casa representada por 0. V. vê que se obtêm os algarismos representando os milhares e as centenas do producto sommando os factores e supprimindo o algarismo 1 da somma, e representando as dezenas e unidades multiplicando os complementos.

Sendo os factores pouco inferiores a 1000, o resultado occupará 6 casas (em vez de 4). Exemplo:  $991 \times 997$ :

Factores	Compls.		Factores	Compls.
991	9		995	5
+	×		+	×
997	3		993	7
(1) 988027			(1) 988035	

Sendo os factores pouco inferiores a 10, o resultado occupará 2 casas. Exemplo:  $9 \times 8$ :

9	1
+	×
8	2
(1) 7	2

Resumindo, temos:

Os productos que se obtêm multiplicando os numeros pouco inferiores a 10 têm 2 casas; quando os numeros forem pouco inferiores a 100 têm 4 casas; pouco inferiores a 1000 têm 6 casas e terão 8 casas os que forem pouco inferiores a 10000 e. a. p. d.

Os productos são representados respectivamente por 2, 4, 6, 8, 10 algarismos.

Metade desses algarismos acha-se, sommando os factores; a outra metade multiplicando os complementos. Tendo o producto dos complementos mais casas que um dos factores, o numero representado pelas casas a mais é somado á somma dos factores, como neste exemplo:

88	(12)
+	×
91	(9)
(1) 79	..
1	08
80	08

Applique a regra na solução dos seguintes problemas e verá como facilita o calculo:

988	(12)		96	(4)		9993	(7)
+	×		+	×		+	×
995	(5)		89	(11)		9987	(13)
...   ..			..   ..			....   ..	

Falei na ultima carta de numeros quadrados. Eis agora um processo simplicissimo para achar os quadrados de numeros elevados como 87, 993, 9994. Basta applicar a regra acima exposta. Exemplo:

993	7
+	×
993	7
...   ..	

Você acha a materia *secca e dura*?  
Taes segredos são esses da natura.

Abraços do

ARAPUCA»

